

Academia Catarinense de Letras
 – Belo exemplo –

A Academia Catarinense de Letras cumprindo um dos grandes objetivos de sua existência está preservando e revivendo os grandes autores pela edição ou reedição de suas obras. Foi instituída a coleção Academia Catarinense de Letras (ACL). Já foram editados 24 novos livros. Em 2002/2003 foram publicados em dois volumes CONTOS COMPLETOS de Virgílio Várzea, em 2004 publicou POESIA REUNIDA e OUTROS TEXTOS, de Maura de Senna Pereira. Ambos os autores tiveram seus textos investigados, estudados e preparados editorialmente pelo prof. Dr. Lauro Junkes, presidente da Academia Catarinense de Letras. A poetisa Maura de Senna Pereira é assunto literário de grande importância neste 2004 por estar celebrando o 1º Centenário de nascimento. A organização dos textos esteve a cargo do Prof. Lauro que foi buscar alguns deles em jornais, revistas dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Muitos textos foram encontrados na Revista do Globo. A escritora teve vida agitada em Florianópolis, Porto Alegre e Rio de Janeiro, sempre fiel à poesia e às letras. São títulos de seus livros: Cântaro de ternura; Poemas de meio-dia; Círculo sexto; País de Rosamor; A Dríade e os dados; Busco a palavra; Primeiras palavras sobre sete poemas de amor; Entrevistas e textos para conhecer Maura e outros textos. É fabuloso o trabalho de Lauro Junkes, magnífico o mundos das letras de Maura Senna Pereira.

O belo exemplo da Academia Catarinense de Letras vale a pena ser imitado e vivido.

Ir. Elvo Clemente

A criança na língua: marcas de subjetivação na aquisição do gênero

Rosa Attié Figueira*

Minha participação nesta mesa-redonda, ao revisitar uma discussão sobre o gênero, leva-me em primeiro lugar a recordar àquelas que farão a gentileza de me ouvir que os dados e uma parte da análise não são novos. Para situá-los (e situar-me), devo dizer que há algum tempo atrás, em 1991 (II ENAL), numa comunicação sobre o erro como dado de eleição,¹ tinha-me deparado com algumas das ocorrências que serão aqui rerepresentadas. Um pouco adiante, atenta ao efeito anedótico assumido por algumas delas, considere em outro artigo o seu potencial humorístico². Posteriormente, neste mesmo ambiente de discussão (V ENAL), participei, a convite da Profa. Letícia Correa, de uma mesa-redonda sobre a identificação do gênero gramatical. Já nesta ocasião, com o recurso à noção de autonomia, ficara patente um avanço no tratamento descritivo aos dados, o que viria a fazer a diferença em relação à análise anterior. Contudo, faltava-me ainda explicitar um aspecto importante na interpretação dos dados: as alterações morfológicas exibidas na fala da criança mereciam ser analisadas como parte de um processo de subjetivação.

Assim, é com certa liberdade que retomo alguns dados (não todos³), acrescentando outros, para explorar o conjunto na direção anunciada pelo título. Volto a alguns deles, convencida de que um

* UNICAMP. rosattie@yahoo.com.br

¹ Figueira 1991, "Algumas Considerações sobre o erro...", depois ampliado e revisto como "O Erro como dado de eleição...", in Castro, 1996.

² Figueira 2001a, "Dados Anedóticos...".

³ O conjunto mais completo dos dados poderá ser conhecido na versão publicada na revista *Linguística*, n. 13.

dado bem apanhado pode ser analisado com proveito em muitas direções, à medida em que também nós, como observadores, amadurecemos nosso olhar em relação a eles.

Começo dizendo que, presentemente, ao focalizar as marcas de gênero na fala da criança, minha atenção voltou-se, em primeiro lugar, para algumas afirmações existentes na literatura. Alguns estudiosos investem na hipótese de que é a sua expressão sintática (ou morfossintática) o fator relevante no processo de aquisição deste subsistema (Correa, 2001). Suposição corroborada pela evidência empírica disponível: o mecanismo sintático da concordância, particularmente a concordância no interior do sintagma nominal, no caso do português, está apto a exibir a atribuição do gênero gramatical,⁴ em ocorrências chamadas “corretas”. Mas na medida em que o acerto convive com o “erro”, é a este último que decidi voltar a minha atenção, focalizando aquelas ocorrências em que, falando de si (menino ou menina, ela ou ele), a fala da criança faz aparecer alterações no sintagma e/ou no próprio corpo da palavra. São alterações que, a meu ver, revelam-se cruciais para lançar luz sobre um dos fenômenos mais instigantes desse objeto: a identificação entre categoria gramatical e expressão de sexo.⁵ Com efeito, é possível dizer que os enunciados infantis reacendem a velha discussão sobre a motivação semântica do gênero, discussão que, como afirmam Arrivé *et al.* (1986, p. 284), de tempos em tempos volta à cena e estimula o debate.

Uma vez definido o recorte empírico com o foco sobre o “erro”, a análise pautou-se em dois eixos: no plano da língua, as formas pelas quais o gênero se realiza, e no plano do discurso, o funcionamento discursivo a que se prestam.⁶

Vejamos inicialmente um tipo de erro de gênero, relativamente comum na aquisição do português. Ele incide sobre substantivos que, por escaparem ao padrão geral da língua (terminação -o para masculino, -a para feminino) acabam, na fala da criança, por se alinhar ao padrão mais consistente. *Um tapo, a tapa por um tapa, o tapa; um amoto, o amoto por uma moto, a moto: Deu um tapo na cara,*

⁴ Ver, por exemplo, a discussão sobre o gênero, levada por Mattoso Câmara Jr. (1970, 1972, 1975), da qual se faz um apanhado em Figueira, 2001b.

⁵ Como os dados a serem analisados adiante relevam tanto da marca morfológica não motivada quanto da marca semanticamente motivada, conservamos o termo gênero para o conjunto dos dados em discussão. Uma expressão composta – gênero-sexo – será introduzida quando a questão do sexo parecer implicada no uso feito pela criança da palavra alterada quanto ao gênero.

⁶ A partir deste ponto retomam-se, com pequenas alterações, passagens de Figueira, 2001b, “Marcas Insólitas na Aquisição do Gênero...”, exposto em 2002 (XIII ALFAL), publicado com data de 2001.

Gostou da tapa ?, O papai tá aqui porque o amoto dele tá aqui. Ampliando-se a observação para a classe dos adjetivos temos:

- (1) *(a cr. fica sensibilizada depois de ouvir a mãe contar algo sobre criança desprotegida)*
A. Ela é pobra. Ela é pobra, mãe? (5: 3; 17)
- (2) *(depois de ouvir os pais conversarem sobre queda de cabelo)*
J (aborrecida). Ah, eu não gosto de pai careco. (3: 10; 22)
- (3) *(A e J brincam de repórter; a primeira fala sobre o prédio em construção ao lado de sua casa)*
J. Tá petando (= está apertando) muito a minha casa com aquele prédio idioto. (4: 5; 25)

Pobre, careca e idiota, adjetivos apostos a: (*criança*), *pai* e *prédio*, viram *pobra, careço e idioto*, conformando-se ao gênero dos substantivos aos quais estão sintaticamente relacionados: feminino (*criança pobra*) ou masculino (*pai careço, prédio idioto*). Constata-se que a classe dos adjetivos chamados na literatura de uniformes – forma única para o masculino e o feminino – é tratada como a classe dos biformes, mais uma evidência de que a aquisição desse subsistema passa por um movimento de ultra-regularização, que recai sobre objetos lingüísticos, de maneira a uniformizar seu comportamento, afetando o modo de funcionamento dessa categoria na língua da criança.⁷ O resultado disso é o que um observador chamaria de “erro de gênero” ou “erro de concordância”, fenômeno que, de resto, já tinha sido mostrado no artigo “O Erro como Dado de Eleição...”. A novidade que a pesquisa atual acrescentou à análise de tais dados reside na constatação de que, nas falas acima, o nome está sendo simplesmente usado. Trata-se do *signe mondain* (signo mundano), para falar como Rey-Debove (1997, p. 22), que toma o termo emprestado a Barthes. É o signo remetendo a uma entidade do mundo e não a si mesmo como signo. Ora, uma coisa completamente diferente acontece nas ocorrências reunidas em outro conjunto, onde o que temos são exemplos de retomadas autonômicas, em que o signo é mencionado.

⁷ Exemplificamos com o SN complexo, mas não são desconhecidas marcas insólitas de gênero no SV. Veja-se o caso de: *A Fátia é nananda* (De Lemos 1992, p.130), na qual a concordância se espalha para a forma do gerúndio produzindo *nananda*, item que passa a funcionar à maneira de um adjetivo. Exemplos semelhantes, encontrados no corpus de J, não serão mostrados aqui por limitação de espaço.

Do ponto de vista lingüístico-discursivo tais retomadas foram classificadas em *retificações* e *réplicas*, termos que usei, à falta de outros melhores. Retificação quando a retomada da criança incide sobre um ponto da própria fala; réplica quando a criança rejeita uma forma da fala do outro, apondo-lhe uma outra que lhe é divergente, ou até, controversa. Nos dois casos um substantivo é alvo, na sua desinência, de uma outra marca de gênero. Se na ocorrência anterior era masculino torna-se feminino, e vice-versa.⁸ Veja-se (4), um caso de retificação.

- (4) (J toma seu café da manhã; em certa altura pergunta a sua mãe)
 J. Carro bebe café, mãe?
 M. Não.
 J. Então eu não bebo. Porque eu sou carro.
 M. ?!
 J. Quer dizer, eu sou carra. Sou carrinha. (D – 4: 6; 28)

A expressão *quer dizer* serve para introduzir um reparo que afeta não apenas a coisa que foi dita, mas a *palavra*, na forma como esta coisa foi dita. Na medida em que exhibe um fato morfológico não-usual, este dado tem um ar divertido: a criança flexiona o substantivo *carro*, dizendo *carra*, para fazê-lo conformar-se à expressão de um ser do sexo feminino (ela, Juliana), e em seguida, ainda falando de si (uma menina), busca uma adequação semântica correlata: *carra* torna-se *carrinha*. Gênero feminino, no diminutivo.

Da mesma faixa de idade, uma outra ocorrência de J (já bastante explorada), mostra-nos uma palavra destacada autonimicamente, no interior da qual a criança marca o gênero, pela presença de um sufixo.

- (5) (J brinca de fazer entrevistas, como se fosse o repórter na televisão)
 M. Eu tava perguntando se ia sair ou não a reportagem, Ju. E você é o repórter.
 J (levantando a voz). Reporta.
 M (rindo). "Reporta"? Por que "reporta"?
 J. Por que reporta é mulher. Que eu não quero ser homem. Eu sou reporta, vai. (D – 4: 6; 1)

⁸ Um exemplo dessa segunda possibilidade é encontrado no episódio da nota 18.

Réporter é um desses substantivos que Mattoso Câmara classificaria como de dois gêneros sem flexão: seu gênero torna-se conhecido pela forma masculina ou feminina do artigo que implicitamente exigem (*o repórter/a repórter*; tal como *o artista/a artista*). Fato que – como lembra o lingüista brasileiro, citando a Vendryès – “torna-se de um mecanismo preciso e nítido em línguas que, como o grego e o português, têm a partícula chamada “artigo”, sempre implicitamente possível de se antepor a um nome substantivo” (Mattoso Câmara 1970, p. 81). Mas a fala de J vai além e exhibe uma marca formal, no corpo da palavra, na terminação -a (*reporta*). É aí que a criança inscreve – de maneira inequívoca a qualquer interpretação – a sua inegociável condição de menina, portanto sexo feminino, portanto gênero feminino. Na seqüência chega a dar uma explicação da marca de gênero: “Porque reporta é mulher. Que eu não quero ser homem. Eu sou reporta, vai.”

Numa outra ocorrência é sobre uma fórmula de cumprimento que incidirá a marca de gênero.

- (6) (A e J, as duas irmãs, ouvem um programa de auditório na tevê; a certa altura o apresentador dirige-se ao auditório com a saudação: Bom dia!)
 A (a mais velha). Bom dia!
 (J, a mais nova, faz uma intervenção, “corrigindo” a irmã)
 J. Bom dia é para homem. Bom dia é para mulher. (D – 5: 2; 17)

Concentremo-nos inicialmente no que diz A, que tem 8 anos. Ela responde ao cumprimento, fazendo uma alteração na palavra *dia*, que é produzida *dio*. Aparentemente para se conformar a uma regularidade da língua: a maioria das palavras que se deixam antepor por adjetivos como *bom*, são terminadas em -o. *Dia*, masculina, faz exceção, porque termina em -a. De algum modo, nesta ocorrência, esta “discrepância” do sistema é eliminada, promovendo-se uma solidariedade entre os significantes *bom* e *dio* (note-se que ocorrências como *uma tapa* e *um amoto* exigiram o mesmo tipo de consideração).

O diálogo prossegue com uma intervenção de J, a menina mais nova. De modo sério e sentencioso ela profere o que poderíamos chamar de regra de uso do cumprimento, regra pela qual a marca formal que se alterna no final do substantivo parece servir para marcar dois universos: o das mulheres e o dos homens. Partindo da mesma criança que sentencia em (5): *Porque reporta é mulher*, a enunciação *Bom dia é para homem. Bom dia é para mulher* obriga a algumas outras explorações. Note-se que J não parece fazê-lo

na direção de provocar o riso, ela produz seu enunciado de maneira "sincera", indiferente ao efeito insólito, até divertido de suas palavras. Confrontados com esta enunciação, é difícil não exclamar: eis aí um discurso da criança sobre a língua! Discurso que, ademais, revela para o observador o caminho que o funcionamento do gênero gramatical assumiu na estória da aquisição da língua materna por essa criança.

Instrumentalizada com a noção de autonomia, procurei mostrar que nos episódios acima há fato autonímico, numa estrutura de "boucle" – para tomar aqui emprestado o termo de Authier-Revuz. Seja ela auto-iniciada, quando a criança retoma o seu dizer, como em (4), seja ela hetero-iniciada, quando é desencadeada pelo dizer do adulto, como em (5). Quanto às marcas formais da autonomia, observam-se alguns índices, como, por exemplo, a ausência do determinante, um sinal importante de que o signo está sendo mencionado e não apenas usado (Rey-Debove 1997, p. 64-65).

No tratamento que imprime aos "erros de gênero" um lugar importante foi reservado às chamadas *réplicas*, uma classe de enunciados que exhibe (ou pode potencialmente exhibir) uma característica formal, estrutural. O enunciado começa por uma negação, e é seguido por duas estruturas de predicação: *Não, não é X, é Y*, onde X e Y são signos autônomos, palavras tomadas em menção e não como signos ordinários. Do ponto de vista da enunciação há uma recusa, pela qual a criança descarta não a *coisa* que é nomeada (o referente), mas a *palavra* pela qual esta coisa é nomeada pelo interlocutor. Oferece então uma outra palavra, que lhe parece a correta. Um caso de não-coincidência do dizer, para utilizar livremente a expressão – título do livro de Authier-Revuz (op. cit.). Vejam-se os exemplos de J, entre 2;3 e 3;3 de idade.

(7) *(J dá uma batida no braço; forma um galo; a mãe mostra à avó, dizendo)*
M. Fez um galo.
J. Não é "galo", é "galinha". (D – 3: 3)

(8) *(a mãe de J tenta pôr um biquini que não lhe serve; J segue o que faz a mãe)*
J (avaliando). Esse não dá mãe.
M. Ah Ju! Você é um barato.
J. "Barata", mãe, "barata". (D – 2: 3)

Diante de tais falas interroguei-me: – Por que J substitui *barato* por *barata* e *galo* por *galinha*? Não foi difícil ver que se tratava da

marcação de sexo atravessando os itens que a qualificam ou que fazem referência a algo que afeta a ela, Juliana, uma menina. Os episódios (4), (5) e (6), expostos em primeiro lugar servem para dar apoio à idéia. Eles chamam a atenção para a questão: em que medida uma categoria gramatical acaba por ser investida de aspectos que relevam da identidade do locutor?

Isto me fez analisar cada dado separadamente (Figueira, 2001b). Em (8), a réplica de J *Barata, mãe, barata* deixa implícito que a criança, a quem escapa o sentido da expressão idiomática *um barato* (aproximadamente: *você é impagável*), acaba por lhe imprimir um outro sentido. Qual? – poderíamos agora nos perguntar. Qualquer que seja ele (não sabemos...), deve obrigatoriamente tratar-se de uma predicação de menina, uma vez que J lhe imprime a marca de feminino: *barata*, e ela o faz indiferente ao fato de que erige-se com isto uma situação de homonímia. (*Barata* corre o risco de ser interpretada com outro sentido: aquele que se refere ao inseto, mas certamente não é disto que a criança está falando...). Estamos de novo diante de uma situação em que J imprime no enunciado sua inescapável condição de menina, condição à qual ela se agarra, fazendo-a presente formalmente na língua. A estrutura completa seria: (*Não é barato*), *é barata* – se procurarmos desdobrar seu enunciado, de modo a reconstituir a estrutura da réplica.

Já em (7), encontramos a estrutura completa. J retoma a palavra *galo* para recusá-la (*Não é galo*) e colocar em seu lugar *galinha*. Encontram-se na fala desta garotinha que não tem mais do que 3: 3 de idade todos os elementos da fórmula da réplica, um fraseado lingüístico que é posto a serviço da sua necessária identificação como ser do sexo feminino. Mas será que, uma vez feito o reparo, chega a criança a dar-se conta do inesperado efeito anedótico de suas palavras? Aparentemente não. Mas a nós, adultos, que escutamos a fala da criança não passa despercebido o efeito engraçado dessas intervenções. Por isto mesmo, tais dados não cessam de suscitar outras questões, que têm me conduzido a alinhar algumas idéias sobre o efeito da fala da criança sobre o interlocutor adulto, e sobre humor e aquisição da linguagem (Figueira, 2001a). E também a avançar na direção de uma noção que procuro definir como *saisie autonymique*: a enunciação da criança desencadeia no interlocutor uma reação na qual o fenômeno da autonomia está implicado. Com efeito, para que o receptor se dê conta do aspecto insólito da fala da criança, é preciso que ele depreenda o outro sentido que circula na réplica da criança. Nesse momento ele experimenta a sensação de descobrir os sentidos alternativos que percorrem a materialidade da língua, portanto a ocasião de colocar em

jogo o signo, no seu estatuto autonímico.⁹ O enunciado: “Não é galo, é galinha”, dito em tom firme e assertivo, à guisa de correção, detém, para o adulto, um potencial humorístico, porque levanta a possibilidade da homonímia: *galinha* corre o risco de ser interpretado como a fêmea do galo, e não como o machucado de que é portadora uma menina.... Mas a criança, ela própria, fica indiferente a esse efeito; o que leva o investigador a encarar tal ocorrência como um dado-índice de uma relação específica da criança com a língua, relação pela qual a criança faz a língua curvar-se ou dobrar-se à marca de sua inegociável condição de menina. Seja permitido dizer que, chegando-se a este ponto, é possível recuperar em toda a sua evidência a etimologia da palavra flexão: “do lat. *flexione*, ação de dobrar”.¹⁰ Seja permitido também acrescentar que, ao inventar (ou reinventar?) palavras como *galinha*, no lugar de *galo* (= elevação consequente à pancada), a criança encontra, junto a procedimentos que a própria língua lhe oferece, um meio de fazer aparecer aquilo que nesta língua poderia ser um lugar de ocultação de sua identidade sexual¹¹. Neste ponto, diante do insólito das “correções” de J, é livremente que retomo uma afirmação de Cláudia Lemos¹² para assinalar que “correções não ocorrem sempre onde se faria necessário e podem ocorrer quando não parecem necessários, não sendo, portanto, previsíveis [...]”.

Fazendo um balanço dos dados acima apresentados – de (1)-(3) a (4)-(8) – proponho agora analisá-los do ponto de vista enunciativo. Nos primeiros (em que o signo é apenas usado) temos asserções e perguntas; nos segundos (em que o signo é mencionado) temos enunciações do tipo replicante, que retomam o enunciado do interlocutor, corrigindo-o; ou então do tipo retificador, que retomam o próprio enunciado. Esta particularidade que, sem dúvida, diz respeito ao discurso – discurso sobre a língua – instaura uma não-coincidência ou uma discordância entre os interlocutores,¹³ discordância cuja sede e cujo objeto é a própria língua, naquilo a que esta se presta a veicular como conteúdo relevante para o sujeito – sujeito que, por ela e no exercício dela, se constitui ao mesmo tempo como falante e como pessoa ou identidade no mundo. Com efeito, é preciso, nesta análise, dizer que nos enunciados

⁹ Este aspecto está, de resto, envolvido em muitos jogos verbais, como, por exemplo, nas adivinhas que jogam com segmentações divergentes.

¹⁰ *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, A. Nascentes, p. 342.

¹¹ No momento atual, retorna à cena linguística a discussão sobre as relações entre gênero e sexo. Uma atitude de intervenção dos linguistas para a marcação de sexo nos nomes de profissão em francês está presente nos trabalhos de Houdebine (1998).

¹² *Das Vicissitudes da Fala da Criança e de sua Investigação*, 2002, p. 62.

¹³ Exceção feita à (4), uma retificação do falante às próprias palavras.

(4) a (8), existe, ao lado do confronto com o interlocutor, um embaute da criança *com a língua*, localizado naquilo que – para usar agora a expressão justa – deverá ser chamado, não de marcação de gênero, mas de marcação de gênero-sexo.

A amostragem restringiu-se até aqui a dados de A e de J, os sujeitos principais da pesquisa, mas o estudo abre-se para ocorrências que chegam de outros sujeitos. Destas, selecionei três, começando pela de V, extraída do livro de Castro (1992).

(9) (*Mãe buzina porque acaba de ser fechada por um ônibus*)
V. Não biga com o ônibus não, mãe. Sabe por que? Porque o ônibus é o pai dos carros e a *ônibus* é a avó. (e continua estabelecendo relações que não foram mais anotadas) (D – 4: 0; 21)

A criança faz uma advertência à mãe e a justifica, proferindo um enunciado predicativo iniciado com *porque*: [...] *o ônibus é o pai dos carros*, no qual atribui ao objeto qualidades que são próprias do ser humano. Na seqüência, sem interrupção, acrescenta um outro: *e a ônibus é a avó (dos carros)*, enunciado que exhibe uma extensão do raciocínio analógico anterior, cuja simetria com o primeiro se dá às custas da palavra *ônibus*, “flexionada” no feminino, para efeito de completar a linha de raciocínio iniciada. Temos aí um pensamento original, assentado – conforme parece – sobre o tamanho/poder dos objetos do mundo físico (*ônibus vs. carro*), que são alvo de comparação que os correlaciona às entidades *pai/avó vs. filho* (esta última implícita), fato tanto mais interessante porque põe a nu que relações entre seres humanos são tomadas como modelo para uma apreciação sobre o mundo. Mas isto não é tudo que se pode dizer. Para esta criança, neste momento de sua relação com a língua, marcas de gênero-sexo tornam-se explícitas no corpo da palavra. No enunciado predicativo o nome da entidade promovida a animado-humano (*ônibus*) sofre alteração no final, lugar em que se instala um morfema de gênero, para expressar o que seria, neste momento, para a criança uma distinção relevante de gênero-sexo (*ônibus* = avó, *ônibus* = pai (dos carros)).

O segundo é um episódio um caso realmente curioso de marcação de gênero, relatado em sala de aula. Mãe de um garoto e de uma garota, uma aluna contou-me o que se passava quando o pai e as duas crianças se entretinham, trocando carinhos. Abaixo é a fala do garoto, precedida pela necessária informação do contexto.

- (10) *(O pai de duas crianças, um menino e uma menina, costumava declarar seu amor às crianças, dizendo "Eu te amo". Quando se dirigia à menina era assim corrigido pelo garoto)*
Cr. Não é "eu te amo". É "eu te ama". (ênfase no final de ama)

A explicação dada para a correção – conforme relato da mãe – residia no fato de que naquele caso o ser amado era uma menina. Uma marca de gênero extravagante, fora de lugar, sem dúvida. Mas apenas no português, porque não é desconhecido o fato de que algumas línguas marcam o gênero no verbo.¹⁴ No caso acima, o gênero-sexo da entidade afetada pelo processo de amar...

O terceiro é uma ocorrência, que me foi relatada por uma colega.¹⁵

- (11) *(a criança pergunta ao pai, que estava lendo o jornal)*
H. Pai, quando a mulher está vestida de polícia, como é que ela chama?
P. Guarda feminina.
(a mãe, que acompanhava o diálogo à distância, retoma o assunto com H)
M. Você perguntou a seu pai como chama a mulher quando está vestida de polícia?
H. É.
M. É polícia feminina.
H (rindo). Eu falei "eu pensei que era polícia femulher". (1)
(as duas riem)
H. E quando é homem, mãe?
M. É polícia só.
H. Não é polícia feminino? (2)
M (rindo). Não.
H. Não é polícia femihomem? (3)
M. Não, é polícia só. (4: 7; 12)

Nela, o item *feminino* não se comporta como o seu homófono do vocabulário do adulto, abrindo-se neste exemplo para um em-

¹⁴ Corrêa (op. cit.), citando a Comrie, afirma: "Em línguas, como o Isangu, do grupo Bantu, [...], gênero manifesta-se na concordância nominal assim como na concordância verbal (Comrie, 1999)". Mori (comunicação pessoal) adiantou-me alguns exemplos deste fato no Sotho do Norte, da família Bantu, na língua Gunit, da Austrália e no Russo.

¹⁵ O dado foi-me oferecido por Wandersj Santana de Castro e pertence a Heloísa. Sou grata a ambas.

prego idiossincrático, singular¹⁶. Neste, outro procedimento gramatical ganha espaço e toma forma: H concentra-se sobre o item *feminina*, investindo sobre o seu corpo sonoro, na direção de torná-lo apto a expressar a diferença semântica por ela reconhecida como legítima ou pertinente. Para ver isto, basta acompanhar as três intervenções da criança assinaladas como (1), (2) e (3). Nelas, a palavra *feminina* é remodelada para acomodar as duas marcas necessárias para expressar a oposição homem vs. mulher. Plasticamente, o item em questão (*feminina*) oferece espaço (digamos, suficientemente motivado) para a semantização que o tornará transparente para a expressão de gênero-sexo:

Femulher (1)

Femihomem (3)

passando pela opção sintagmática: *polícia feminino* (2).

Toda a riqueza do dado está na constatação que naturalmente leva a fazer: a presença na sequência *feminina* do subsegmento *minina*, em cuja materialidade se instala um signo da língua, "menina", foi o gatilho que disparou o jogo de comutação observado neste ponto da cadeia linguística. A saber:

fe / minina (minina = menina)

fe / mulher

Em contraste com:

fe / minino (minino = menino)

femi / homem

É como num jogo que, apostas a *fe(mi)-*, movimentam-se as peças, cujos limites e contornos coube à criança ricamente desenhar ou revelar, fato que me faz repetir o que já escrevi em outro lugar.¹⁷ as crianças acordam palavras que dormem na sombra.

Este diálogo – iniciado e mantido às custas da curiosidade da criança – recai explicitamente sobre o objeto lingüístico, já que o alvo da discussão é a forma de nomear o agente policial, quando este é homem ou mulher. Nela, H e sua mãe – com a espontaneidade da primeira e a boa vontade da segunda – passam-nos uma

¹⁶ No vocabulário do adulto *feminino/feminina* tem a seu lado *masculino/masculina*. Tecnicamente falando, trata-se de um par onde a oposição semântica é marcada supletivamente, pela existência de dois itens totalmente diferentes no léxico. H usa um recurso alternativo, de base morfológica, sob a motivação que salta do segmento (fe) *minina*.

¹⁷ Figueira, 2001a.

lição de como o arbitrário e o motivado do signo lingüístico podem jogar (desempenhar um papel, ter uma participação) na aquisição do léxico, relativamente a uma oposição (*feminino-masculino*), cuja particularidade está, entre outras coisas, em dividir as pessoas em dois grupos, num dois quais a criança desde muito cedo sabe e afirma com muita clareza o seu pertencimento e/ou o de seus pares.

Sem tempo para explorar dados adicionais, devo adiantar que é razoável a minha experiência em recolher dados assemelhados aos acima, em idade por vezes bem inicial. Isto me leva a dizer que a relativa facilidade com que é possível encontrar nos dados de crianças aprendendo a falar, intervenções que mostram a criança alterando ou “corrigindo a língua” em comentários explícitos sobre marcas de gênero, marcas que importam e traduzem uma relação sentida como necessária entre gênero e sexo, a promover ou até a exigir uma identificação cabal entre ambos, só vem revelar que o trânsito entre categorias gramaticais (onde o arbitrário tem um certo grau de incidência) e categorias do mundo é, neste domínio, um caminho pronto a ser trilhado, deixando aberto para nós, observadores da fala da criança, os mistérios secretos no percurso da relação da criança com a língua.

Pode-se então, com base nesses achados dizer que a motivação semântica da marcação de gênero não está completamente ausente, ao menos na aquisição da linguagem. Ela sobrevive como um *locus* não só do aprendizado da gramática, mas, como visto, de subjetivação da criança (menino ou menina, ele ou ela, ou, se se faz questão da inversão, menina ou menino, ela ou ele...) na língua.¹⁸

Levada pelo tema desta mesa a recuperar alguns dos dados que sistematizei há mais de 10 anos, quando defendi o erro como dado de eleição, apenas me cabe agora, à guisa de conclusão, acrescentar que determinados “erros” são mais do que um material adequado para acompanhar a progressão da criança em dominar um subsistema gramatical. Eles são cruciais para discutir a presença da criança na língua – constatação que, de resto, levou-me, de

forma natural, a intitular a versão final deste trabalho “*L’Enfant dans la Langue*”,¹⁹ numa homenagem a Benveniste. Achados empíricos como os que foram expostos exibem não só um momento da construção da categoria gênero (as marcas formais de masculino e feminino), mas a constituição da criança como falante e como identidade no mundo.

Referências

- ARRIVÉ, M. et al. *La grammaire d’aujourd’hui*: guide alphabétique de linguistique française. Paris: Flammarion, 1986.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi*. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Larousse, 1995.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- CASTRO, M. F. *Aprendendo a argumentar*: um momento na aquisição da linguagem. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- COMRIE, B. Grammatical gender systems: a linguistic’s assesment. *Journal of Psycholinguistics*, v. 28, n. 5, p. 457-466, 1999.
- CORREA, L. S. Uma hipótese para a identificação do gênero gramatical com particular referência para o português. *Letras de Hoje*, n. 125. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2001.
- DE LEMOS, C. Procesos metaforicos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, 1. Barcelona: Meldar Ed., p. 121-135, 1992.
- . Native speaker’s intuitions and metalinguistic abilities: What do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de estudos lingüísticos*, 33, p. 5-14, 1997.
- . Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 42, p. 41-69, 2002.
- FIGUEIRA, R. A. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: CASTRO (ed.). *O Método e o dado nos estudos da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 55-86.
- . Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... humor e aquisição da linguagem. *Línguas e instrumentos lingüísticos*, 6, Campinas: Pontes, p. 27-61, 2001a.
- . Marcas insólitas na aquisição do gênero: evidência do fato autonímico na língua e no discurso. *Linguística*, 13, p. 97-144, 2001b.
- HOUDEBINE, A. M. *La Féminisation des Noms de Métiers*. Paris: Harmattan, 1998.
- ¹⁸ Relatório à FAPESP, *L’Enfant dans la Langue*: Le Marquage Insolite de Genre, referente ao estágio de pós-doutorado na França.

¹⁸ Uma vez que a observação incidiu principalmente sobre meninas, os dados (4)-(8) mostraram uma alteração ou deslizamento unidirecional das marcas de gênero, ou seja, de um suposto masculino para o feminino. Sinto-me agora na obrigação de contemplar o outro lado e preencher o que poderia ser visto como umalacuna do trabalho, apresentando uma ocorrência, registrada pela coordenadora desta mesa-redonda, a profa. Cláudia de Lemos.
(a mãe de Pedro chama a atenção do garoto para Lucas, que acaba de perder seus dentes de leite)
M. Cê viu o Lucas? Cê viu, Pedro? O Lucas tá banguela.
P. Não é banguela, é banguelo.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

———. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

———. *Dispersos*. Porto Alegre: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.

REY-DEBOVE, J. *Le Métalangage*. 2. ed. Paris: Le Robert, 1997.